

Se Essa Rena Fosse Minha: a fuga do óbvio¹

Débora Flores DALLA POZZA²

Kamila Delazeri BAIDEK³

Marlon Santa Maria DIAS⁴

Gisele Dotto REGINATO⁵

Universidade Federal de Santa Maria, RS

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar o blog “Se essa rena fosse minha” (<http://seessarenafosseminha.wordpress.com>), desenvolvido por acadêmicos da disciplina de Teoria e Técnica de Jornalismo Digital II da Universidade Federal de Santa Maria, no segundo semestre de 2011. O objetivo do blog é conferir um enfoque diferente à cobertura do Natal, por meio de uma experimentação em jornalismo digital. Partimos do pressuposto de que a temática natalina é enquadrada pelos mesmos vieses e, através do blog, buscamos mostrar outros caminhos possíveis para as pautas e as abordagens do Natal pelo jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Blog; Jornalismo Digital; Natal.

1 INTRODUÇÃO

A cada vez que um jornalista escreve sobre o mundo em que vive, realiza uma ação de interpretação sobre o mesmo com sentidos já elaborados, muitas vezes sem ter consciência de como esses se formaram ou se naturalizaram em seu imaginário. Então, o discurso jornalístico tem um papel importante na construção social na medida em que constrói verdades, determina modos de viver e organiza as relações sociais. “O discurso jornalístico é revelador/plasmador da sociedade contemporânea, produzido no interior de uma determinada e específica instituição (a empresa jornalística), cuja função consiste em textualizar a realidade”, diz Berger (1996, p. 188). Torna-se, assim, espaço social de produção de significados (HALL, 1997).

Nesse processo de produção de significados, existe uma forma “consensual” de compreensão da realidade:

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Blog.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), email: debora.dpozza@gmail.com.

³ Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFSM, email: kamilabaidek@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFSM, email: marlon.smdias@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Jornalista e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde atuou como professora substituta do curso de Jornalismo, e-mail: giselereginato@gmail.com.

Um acontecimento só ‘faz sentido’ se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. Se os jornalistas não dispusessem – mesmo que de forma rotineira – de tais ‘mapas’ culturais do mundo social, não poderiam ‘dar sentido’ aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo mais básico do que é ‘noticiável’ (HALL et al, 1993, p. 226, grifos do autor).

Mesmo o Natal não sendo um acontecimento inesperado, pois dá possibilidade de uma programação antecipada do conteúdo a ser veiculado, os jornalistas têm um olhar consensual sobre o que deva ter lugar no seu discurso (e sob qual enfoque). Assim, é recorrente que tenhamos a sensação de ler/ver/ouvir as mesmas temáticas sob os mesmos pontos de vista ano após ano. A cada final de ano que se aproxima, já consumimos produtos midiáticos esperando encontrar reportagens sobre a época natalina, abordando-a de forma muito similar e investigando assuntos sempre parecidos relativos a ela: o número de vendas durante o período, as decorações preparativas do Natal, os amigos-secretos das empresas, mostras de solidariedade de um grupo de pessoas para com outros indivíduos ditos mais “necessitados”, entre outras pautas. Elas nos parecem óbvias, como descrevemos na apresentação do blog: “É que o Natal tornou-se óbvio. Os sentidos dessa data estão tão naturalizados que dão a impressão de que nada requer esclarecimento. Por isso, falamos o óbvio sobre ela. Pensamos o óbvio dela. Anualmente, só se reforçam as questões natalinas que são consensuais”.

No entanto, na construção de sentidos sobre o Natal, há muitas lacunas que não são levadas em consideração, como também descrevemos no blog:

Não nos damos conta de que muitos o comemoram sem saber o real significado da data. Não nos damos conta de que muitos não têm motivo para comemorar porque sabem – e não concordam com – seu significado. Não lembramos de que muitas pessoas não podem ocupar lugar nesse discurso de o-que-comprar-de-presente-para-todos. Não vemos (ou não queremos ver) que não é apenas nesse período que devemos pensar em solidariedade, em humanismo, em respeito à diferença. O que dizer da atendente da loja que, não podendo comprar a árvore natalina que realmente gostaria, a montou para sua cliente com o cuidado que a arrumaria para os filhos? E do andarilho para quem o Natal não é nada senão outro dia para vagar pela cidade? O que pensar de um presidiário que recebeu o indulto de natal mas, tendo a solidão como companheira, nem consegue lembrar que a liberdade lhe foi concedida justamente pelo espírito solidário embutido na data? E da senhora que depende do conserto do motor do carro da família para saber se vai ou não passar o 25 de dezembro fora do asilo? (REGINATO, 2011).

Baseado nessa limitação da cobertura jornalística, um desafio foi proposto aos alunos da turma de Teoria e Técnica de Jornalismo Digital II da Universidade Federal de

Santa Maria (UFSM), no segundo semestre de 2011: buscar fugir do óbvio escrevendo sobre um assunto óbvio – o Natal – em uma produção multimídia que possibilitasse a aplicação de novos olhares sobre a temática por meio do uso das diversas ferramentas multimídia proporcionadas pelo jornalismo em web. Afinal, entendemos que:

Os pontos de vista “consensuais” da sociedade representam-na como se não existissem importantes rupturas culturais ou econômicas, nem importantes conflitos de interesses entre classes e grupos. [...] Supõe-se que o desenvolvimento de uma economia de consumo tenha criado as condições econômicas para todos terem a sua parte na criação e distribuição da riqueza. [...] Esta perspectiva de consenso da sociedade é particularmente forte em sociedades capitalistas organizadas, democráticas e modernas; e os *media* estão entre as instituições cujas práticas estão mais ampla e consistentemente baseadas na assunção de um “consenso nacional”. Assim, quando os acontecimentos são “delineados” pelos *media* em enquadramentos de significado e interpretação, supõe-se que todos nós possuímos e sabemos igualmente como utilizar estes enquadramentos, que eles são extraídos fundamentalmente das mesmas estruturas de compreensão para todos os grupos sociais e públicos (HALL et al, 1993, p. 227, grifos dos autores).

Por isso, fomos incentivados a refletir: se a rena do Natal fosse nossa, quais direções daríamos a ela? Quais rumos nossas rédeas iriam conferir à cobertura da data se pudéssemos tratá-la de outra forma? Reproduziríamos sentidos já naturalizados socialmente ou buscaríamos novos vieses investigativos e interpretativos? O blog (<http://seessarenafosseminha.wordpress.com>) consistiu em uma oportunidade de colocar à prova nossa sensibilidade, criatividade e capacidade de apuração e escrita em prol de uma cobertura jornalística diferente sobre um tema comum.

2 OBJETIVO

O objetivo central que norteou a construção do blog foi o de realizar uma produção webjornalística segmentada por um tema específico. Desse objetivo, decorrem outros, focados na temática selecionada: a) exercitar a busca por novas perspectivas de abordagens para o Natal; b) não só criticar as coberturas, mas repensar o próprio fazer jornalístico; c) aplicar empiricamente técnicas de jornalismo digital na redação das notícias para a plataforma; d) pensar os recursos multimídia que poderiam complementar os sentidos formados pelas reportagens; e) propor o uso de textos interpretativos no ambiente web, cuja instantaneidade marca a presença de textos mais curtos.

3 JUSTIFICATIVA

Para se tornarem acontecimento jornalístico, os fenômenos devem ser variantes, romper a norma, razão pela qual figuram entre os principais critérios de noticiabilidade no jargão jornalístico os acidentes, as mortes, “o homem mordeu o cachorro, e não o contrário”. Só que, refletindo por meio dessa lógica, compreendemos que “grandes fenômenos sociais, cujo interesse público não poderia ser questionado sem constrangimento, geralmente não têm lugar no jornalismo porque se estabeleceram, historicamente, como invariantes” (BENETTI, 2010, p. 146). São os casos de temáticas que passam a ser percebidas como parte do sistema: a fome, as desigualdades sociais, as injustiças. Ao que acrescentaríamos “determinado enquadramento sobre o Natal”, que se insere numa lógica ocidental, cuja maior parte da população é cristã, e numa lógica da sociedade de consumo.

Dessa forma, considerando que as identidades resultam do processo de identificação dos sujeitos trabalhados nos discursos, justificamos a produção desse blog por meio da reflexão sobre os sistemas de representação jornalísticos que constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar (WOODWARD, 2000). Assim, entendemos que é necessário que os acadêmicos de jornalismo exercitem ao longo do curso sua capacidade de realizar a busca por novos enfoques na produção de notícias, seja por pensar em pautas fora do comum ou vieses diferentes de assuntos que são regularmente tratados por profissionais da área. Caso contrário, é natural que os estudantes de graduação e os próprios profissionais tendam a reiterar sentidos já assimilados e naturalizados sobre uma pauta, reproduzindo significados já concretizados no imaginário social do público que consome suas produções.

Além disso, a produção desse blog se justifica pela tentativa de pensar o jornalismo interpretativo no ambiente da web, marcado por textos curtos e instantâneos, sem tempo para produção e apuração aprofundada, já que várias vezes ao dia as pautas começam do zero e histórias inteiras são concluídas em intervalos de horas ou menos minutos (FERRARI, 2010). Dessa forma, os alunos produzem reportagens mais aprofundadas e interpretativas, desmitificando a ideia de que não se pode produzir relatos dessa forma na internet. Tendo essa possibilidade de escrita interpretativa, eles conseguem ter a noção da diferença de apuração e redação, em comparação com o formato de *hard news*.

Nesse contexto, cabe destacar que a disciplina de Teoria e Técnica de Jornalismo Digital II foi um laboratório em que os alunos exercitaram práticas de produção de textos de

pautas factuais e não factuais para o site da Universidade Federal de Santa Maria (www.ufsm.br), além de terem participado de coberturas colaborativas⁶ de dois eventos: IV Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação (SIPECOM) e 36ª Semana Acadêmica dos cursos de Comunicação Social (SECOM). Seguindo os conceitos do Jornalismo Digital e as potencialidades do uso jornalístico das redes sociais, foram realizadas as coberturas via Twitter e textos para o blog <http://facoscolaborativa.wordpress.com/>, criado pela turma e que continua sendo um canal utilizado pelo curso nas coberturas de eventos. Dessa forma, a turma já vinha trabalhando com o jornalismo informativo, em estilo *hard news*, e teve pouco espaço para exercitar um trabalho de apuração mais aprofundado e um texto mais autoral. Portanto, a produção do blog “Se essa rena fosse minha” também se justifica nesse sentido.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para o desenvolvimento do blog, foi utilizada a ferramenta *WordPress*⁷ por ser um gerenciador de fácil utilização tanto para criação quanto para atualizações posteriores. O *WordPress* é um sistema de gerenciamento de conteúdo na web, muito utilizado como weblog, mas que também permite outras formas de uso, através da personalização de seu layout, da criação de páginas e do emprego de outras ferramentas que podem ser adicionadas ao *WordPress*.

Optou-se por utilizar a URL com *wordpress.com*, em função de não termos recursos disponíveis para adquirir um domínio *.com* ou *.com.br* para o blog. Isso fez com que o trabalho de personalização do blog ficasse limitado, visto que a ferramenta *WordPress* em sua versão online não possui a mesma possibilidade de gerenciamento que a versão instalável. Porém, como a ideia era aprender a lidar com as ferramentas do blog e trabalhar com as ferramentas disponíveis, acreditamos que a escolha pelo *WordPress* online não prejudicou o trabalho e nos deu mais experiência para criarmos, mesmo em condições de limitação de ferramentas.

Além disso, como recursos de multimídia, utilizamos fotos, vídeos e *slideshows*. As fotos foram tiradas com câmeras fotográficas digitais dos alunos e os vídeos

⁶ Segundo Quadro (2010), cobertura colaborativa é um exercício de produção multimídia onde várias pessoas de diferentes áreas do conhecimento se unem para cobrir um evento coletivamente. O meio utilizado para veicular as informações são as redes digitais, onde o espaço é aberto à variedade de olhares sobre o mesmo acontecimento.

⁷Disponível em: <<http://www.wordpress.com>>

foram incorporados a partir do site de compartilhamento e postagem *YouTube*⁸. Os *slideshows* foram elaborados no *Prezi*⁹, serviço que permite criar apresentações interativas. No contexto do jornalismo online, a multimídia é definida por Palacios (2002) como a convergência dos formatos jornalísticos tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. Essa potencialidade usa códigos de todos os meios de comunicação, o que é uma característica muito peculiar da linguagem webjornalística (LONGHI, 2010).

É importante destacar ainda que o blog respeita e segue as convenções recomendadas pela Arquitetura da Informação, o que facilita substancialmente a leitura, a compreensão e a memorização dos conteúdos. As pessoas já estão acostumadas a padrões, como o sistema de busca no canto superior direito e o conteúdo de tópicos recentes do lado direito do site, o que facilita a navegação e o melhor aproveitamento do tempo passado no espaço.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para realizar o feito do blog como produto, realizamos os seguintes processos:

1) Escolha de temática a ser abordada pelo blog: inicialmente, precisávamos pensar qual o assunto óbvio que rendesse diferentes pautas a serem trabalhadas. Como Natal é um tema bastante recorrente a cada final de ano e as abordagens nunca fogem muito de uma obviedade no tratamento, a turma escolheu o tema.

2) Escolha de um nome para o blog: era necessário criar para o trabalho um nome abrangente o suficiente para abarcar todas as pautas que seriam trabalhadas em torno do Natal, mas que também fosse facilmente ligado ao universo de referências natalinas. Pensamos em nomes como “Então é Natal”, “Blogbell”, mas ambos pareciam deixar pouco explícita nossa intenção com o blog. A opção “Se essa rena fosse minha” veio acompanhada de um argumento coerente, o qual nos fez eleger esse como o nome de nossa produção: se pensarmos que a rena é o que guia o trenó natalino, dando-lhe uma direção, um norte, poderíamos imaginar que o trenó representa os sentidos construídos pela cobertura jornalística tradicional sobre o assunto que estamos tratando, o Natal. Dessa forma, o direcionamento do trenó é sempre similar, uma vez que a rena sempre vai a uma mesma direção, ou seja, as pautas tendem a ser todas parecidas. Se a rena do Natal fosse nossa, poderíamos direcioná-la visando à produção de outras abordagens, mostrando novos caminhos para a formação de sentidos sobre a data.

⁸ Disponível em: <<http://www.youtube.com/>>

⁹ Disponível em: <<http://prezi.com/>>

3) Propostas e escolhas de pautas envolvendo a temática do blog: uma vez que já tínhamos definidos o tema e o nome da produção, realizamos uma série de reunião de pautas com sugestões sobre reportagens a serem desenvolvidas. Foram escolhidas 12 pautas, as quais versaram, em linhas gerais, sobre: solidão no Natal; questionamento do espírito natalino; fragmentos de história de Natais de um andarilho, um idoso em um asilo, uma criança em uma escola; o Natal dos que trabalham até quase a hora da ceia; a data dos que trabalham durante a noite de Natal; Natal para quem nasce no dia/ data para quem sofre pelas perdas; origem dos símbolos natalinos; o comércio da data representado pela Rua 25 de Março, de São Paulo¹⁰; a figura do Papai Noel; o Natal longe do shopping; o Natal para outras religiões; presidiário que recebeu o indulto de Natal.

4) As pautas foram trabalhadas por 18 repórteres, os quais se dividiram entre as pautas de acordo com sua identificação e aproximação com os assuntos a serem reportados. Optamos por não haver escolha específica de repórteres e fotógrafos, como nas produções anteriores da disciplina, para que os alunos pudessem ser repórteres multimídia, que “dão conta de várias tarefas a um só tempo” (JORGE; PEREIRA; ADGHIRNI, 2009).

5) Apuração das matérias: tendo as pautas definidas, os repórteres tiveram duas semanas para trabalhar em torno de suas reportagens, entrevistar fontes, buscar dados sobre seus assuntos de trabalho e materiais multimídia (fotos, áudios, vídeos) que viessem a casar com o texto da reportagem redigida. Todos os alunos foram a campo para realizar as entrevistas, buscando subverter a lógica do “jornalista sentado”, status destinado ao jornalismo diário feito para a web. Nesse sentido, apesar de a informação no jornalismo digital exigir um enfoque multimídia e atrativo graficamente, procuramos focar na evolução dos textos dos acadêmicos na disciplina de Teoria e Técnica de Jornalismo Digital II. Conforme apresenta Franco (2009), a partir de pesquisas de Eyetracking (estudos do “rastros do olho”, para compreender o padrão de leitura dos usuários e a usabilidade dos sites), a qualidade dos textos é importante para os usuários, os quais tendem a olhá-lo primeiro e com mais intensidade, em comparação às imagens.

6) Acompanhamento da produção: além dos encontros presenciais agendados para conferir o andamento das matérias, os alunos-repórteres se comprometeram a enviar por e-mail dados da apuração, para que se pudesse conferir o contato com as fontes e o enquadramento da matéria. Isso foi fundamental para que se criasse uma rede de contatos

¹⁰ Essa pauta foi apurada em São Paulo (SP). As demais, em Santa Maria (RS).

entre os colegas, quando era necessária a busca a alguma fonte, ou alguma checagem de materiais de arquivo.

7) Revisão das matérias: foram revisados não apenas os textos das reportagens, mas também o material multimídia a fim de verificar sua coerência e compatibilidade com a proposta do blog. Mais de um colega revisou o texto dos demais, de forma que se pudessem dar sugestões e também se exercitasse o potencial crítico diante de um texto.

8) Montagem do blog na plataforma *Wordpress*: conforme descrito no subtítulo acima, o blog foi estruturado no *website Wordpress* por duas alunas que ficaram com o cargo de editoras multimídia e foram coordenadas pela professora orientadora do projeto.

9) Criação da arte do cabeçalho do blog: A ilustração com o nome do blog remete ao *stencil*, prática cada vez mais comum nas cidades (Figura 1)¹¹. A técnica consiste em, com uma chapa de raio-x em um desenho vazado, passar spray por cima, pintando uma imagem na parede. Assim, torna-se um meio de comunicação alternativo que busca apresentar outro olhar sobre uma temática, o que foi compatível à proposta de conferir um viés diferenciado ao Natal.



Figura 1: Arte em *stencil* elaborada para o cabeçalho do blog.

10) Publicação de textos no blog ao longo dos três dias que compreenderam o período de encerramento da disciplina.

11) Divulgação do produto final: a divulgação do produto final foi feita através de *release* veiculado no site da Universidade Federal de Santa Maria, nas mídias sociais *Facebook* e *Twitter*, bem como na lista de *e-mail* do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. Como resultado desse trabalho, tivemos mais de 1.350 acessos até o mês de abril de 2012 sendo que 420 visualizações foram em 9 de dezembro, dia da divulgação do blog.

¹¹ O jornalista formado pela UFSM Rafael Balbuena foi convidado para a elaboração da arte.

6 CONSIDERAÇÕES

A experiência de realizar o projeto do blog “Se essa rena fosse minha” possibilitou-nos muito mais do que desenvolver um projeto de prática de jornalismo digital; sua principal contribuição foi gerar uma reflexão nos acadêmicos sobre a necessidade de repensar nossos olhares sobre os assuntos mais comuns a serem abordados. Por vezes, nos envolvemos tanto nas rotinas produtivas e no tecnicismo em laboratórios da prática do jornalismo que deixamos de problematizar se estamos realmente buscando uma diferenciação em nossas ações ou se estamos caindo na reprodução de “mais do mesmo”. Mesmo que a maioria da turma estivesse no 6º semestre do curso, não tinha passado antes pela experiência de realizar “conscientemente” essa busca por um novo enfoque em uma pauta. A parte final do texto de apresentação do blog diz muito sobre a idealização e a concretização desse projeto:

Os futuros jornalistas que aqui apresentam seus textos – e sua sensibilidade – saíam às ruas sem preconceito e sem julgamento. Afinal, não há uma verdade; o que temos são interpretações. Cada um leva uma verdade para si e o que levamos para vocês, aqui, é o nosso viés do Natal. Portanto, se a rena do natal fosse nossa, buscaríamos uma cobertura jornalística diferente, apontando novos caminhos e também deixando possibilidades de que outros sentidos sejam pensados a partir desses. O que aprendemos com a apuração deste material é o reforço do que diz Roland Barthes: desvie seu caminho habitual e olhe sem máscara o que a rua lhe apresenta (REGINATO, 2011).

Com isso, a produção de conteúdo para blog, enquanto prática laboratorial, permitiu aos estudantes vivenciarem as situações e os desafios da vida profissional bem como exercitar o trabalho colaborativo realizado em equipe. Dessa forma, há uma familiarização com a rotina de produção do jornalismo online, em que o profissional precisa exercitar a visão interdisciplinar. Afinal, como diz Ferrari (2010), além de ser multitarefa e ter conhecimento da tecnologia, é preciso ter *background* cultural para conseguir contextualizar a informação e empacotá-la de um jeito diferente a cada necessidade editorial. Além do mais, como apresenta Foletto (2009), sobre a aproximação entre a blogosfera e o campo jornalístico, existe um sentido de buscar mais interação entre os diferentes agentes de uma sociedade, de tornar o jornalismo mais articulado e crítico para que se possa atender uma sociedade atual com fenômenos sociais tão complexos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. IN: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina (orgs). **Jornalismo e acontecimentos**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: FAUSTO NETTO, Antônio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**: ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2010.

FOLETTTO, Leonardo. Blogosfera x campo jornalístico: aproximação e consequências. IN: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

FRANCO, Guillermo. Como escrever para a web. Elementos para a discussão e construção de manuais de redação online. Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, 2009.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging dos media. IN: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Veiga, 1993.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org). **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage, Open University, 1997.

JORGE, Thaís de Mendonça; PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. Jornalismo na internet: desafios e perspectivas no trinômio formação/universidade/mercado. IN: RODRIGUES, Carla (org). **Jornalismo online**: modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.

LONGHI, Raquel. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. Estudos em Comunicação nº7 - Volume 2, 149-161 Maio de 2010

PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate. Jornadas de Jornalismo Online, Departamento de Comunicação e Artes, Universidade da Beira Interior, Portugal. Junho / 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf> Acesso em: 30 mar 2010.

REGINATO, Gisele Dotto. Sobre. **Se essa rena fosse minha**: blog dos alunos de Teoria e Técnica de Jornalismo Digital II. Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

QUADRO, Andressa. **#Comofaz**: cobertura colaborativa para a web do 3º Festival de Teatro Independente de Santa Maria. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.